

Cristiano Silva dos Santos

Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Instituto de Ciências Biológicas e Da Saúde - ICBS

**DIFICULDADES ENFRENTADAS POR PROFESSORES
DE BIOLOGIA DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS
EM SÃO JOSÉ DA LAJE/AL**

Maceió - AL

2021

Cristiano Silva dos Santos

**DIFICULDADES ENFRENTADAS POR PROFESSORES
DE BIOLOGIA DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS
EM SÃO JOSÉ DA LAJE/AL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas da Universidade Federal de Alagoas,
como parte dos requisitos necessários para
obtenção do título de Licenciado.**

Orientador: Prof. Me. Saulo Verçosa Nicácio.

Maceió-AL

2021

**Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237d Santos, Cristiano Silva dos.
Dificuldades enfrentadas por professores de biologia de escolas públicas estaduais em São José da Laje/AL / Cristiano Silva dos Santos. – Maceió, 2021.

22 f. : il.

Orientador: Saulo Verçosa Nicácio.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas: bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Maceió.

Bibliografia: f. 21-22.

1. Desafios da educação - Professores - São José da Laje (AL). 2. Ambiente escolar. 3. Indisciplina escolar. I. Título.

CDU: 372.857(813.5)

Dedicatória

Dedico esse trabalho a Deus e à minha mãe.

Resumo

Muitas escolas passam por diversas dificuldades, seja ela de indisciplina, seja ela de intolerância e de violência. A educação passa por diversas características e devem ser vista como a solução de muitos problemas da nossa sociedade. O trabalho sobre as dificuldades enfrentadas por professores de Biologia em escolas públicas de São José da Laje/AL, foi realizado nas duas escolas estaduais do município, Escola Estadual Carlos Lyra e Escola Estadual Padre Teófanos Augusto de Araújo Barros. Foi realizada uma pesquisa em forma de questionário, visando observar possíveis problemáticas com realização ao ensino de Biologia nessas escolas e também identificar dificuldades dos professores em ministrar aulas aos alunos daquela localidade. As problemáticas e dificuldades encontradas foram muitas, mas se destacou a questão da remuneração dos professores e o rendimento dos alunos.

Palavras-chave: dificuldades na escola, desafios do professor, ambiente escolar, indisciplina escolar.

Sumário

1	Introdução.....	6.
2	PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICA NO BRASIL.....	7.
3	Metodologia	13.
4	Resultados e discussões	15.
4.1	Estrutura das escolas que estão relacionadas ao ensino de biologia	15.
4.2	Remuneração dos professores de biologia da rede Estadual em São José da Laje	16.
4.3	Dificuldades em ministrar aulas em São Jose da Laje	17.
4.4	Rendimento dos alunos relacionados a turma que estão.....	17.
4.5	Violência escolar.....	18.
5	Considerações finais.....	20.
	Referências.....	21.

1 Introdução

O presente trabalho teve como intuito aferir possíveis problemáticas de lógicas que interfiram na realização de aulas práticas e/ou teóricas, no bem-estar dos alunos advinda de zonas rurais, na relação existente entre professores e alunos e suas necessidades e nas dificuldades relacionadas ao ensino de biologia.

Esse trabalho se justifica pelo fato de buscar compreender as dificuldades de ministrar aulas de biologia sobre a realidade dos professores em São José da Laje, a estrutura escolar, a metodologia, as peculiaridades de escolas do interior de Alagoas que possuem muitos alunos residentes de zona rural e locais distantes da escola necessitando de transporte escolar, a remuneração, os rendimentos dos alunos, os avanços e fracassos, relacionados à teoria e a prática no contexto do ensino de biologia. E também se justifica, pois tenta abordar o conhecimento vivido por uma parcela de professores, que ministram aulas de biologia, a fim de que consiga identificar possíveis dificuldades e elaborar soluções, para minimizar o desgaste dos professores.

Observar possíveis problemáticas na prática, e no ambiente escolar, que desmotivam professores de ciências e biologia está relacionado também ao trabalho, pois as problemáticas encontradas no ambiente escolar desmotivam os professores que em virtude desse fato deixam à carreira, perdem o desempenho e até mesmo podem sofrer de doenças de ordem psicológicas. Sendo essas problemáticas pior quando não existe apoio tanto da sociedade local, os quais foram relatadas por várias professoras na pesquisa era o fato da sociedade civil praticamente não participar da construção social dos alunos dentro da escola, ou seja, pais e responsáveis não estavam frequentando o ambiente escolar. Quanto do poder público estadual, deixando os professores de mãos atadas.

Identificar as dificuldades que professores obtém em sala de aula, após identificar as problemáticas pode-se traçar uma estratégia para minimizá-las de forma a amparar os professores de muitas dificuldades.

O professor mesmo com tantas desigualdades e .perseguições por partes de autoridades e um sistema falido de ensino, buscam forças para ter esperança na possibilidade de um ensino básico de qualidade a todos.

2 PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS NO BRASIL.

São várias as dificuldades enfrentadas no ensino no Brasil, tais como a violência e a falta de incentivo aos profissionais da educação. Segundo Westerley A. Santos (2015), uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir de cinco tipos de desvalorização.

O autor aponta cinco aspectos que trazem uma série de repercussões negativas e proporcionam dificuldades para o trabalho docente; tais como: a desvalorização salarial, que dificulta a permanência dos profissionais da educação em mantêm uma sequência na escola, também cita a questão psicológica e social, que aflige os professores como se eles fossem que tivesse o poder de resolver todas as situações que os alunos têm, e também as desvalorizações perante a sociedade que não vê os professores com a prioridade que tem juntado a sociedade.

A cultura de grande parte dos governantes valoriza a educação somente quando estão no palanque eleitoral isso reflete na escola onde fica cada vez mais difícil lecionar, principalmente, no Estado de Alagoas que sofreu e sofre com políticas públicas devastadoras relacionadas à educação como é noticiado em vários órgãos da imprensa livre tais como:

A educação alagoana, esperança para a população pobre superar desafios que põem em risco a própria sobrevivência, ainda não conseguiu superar seus principais desafios: as estatísticas negativas. O Anuário da Educação 2018 confirma essa tendência com base em dados obtidos e que indicam que, até quando houve crescimento, ficamos abaixo da média da região Nordeste e do país (**Marcos Rodrigues, 2019**).

Não só se reflete dentro da escola com índices assustadores, mas também fora dela, pois a falta de educação ou de forma precária resulta em índices de violência dentro e fora da escola, como descreve Piva e Sayad (2000), investigando a violência urbana em processos de infratores de 12 a 18 anos, identificaram que a motivação para a violência está relacionada à desagregação familiar, à exclusão social e ao nível de escolaridade. O crime contra o patrimônio é o mais praticado por infratores menores de 18 anos que não concluíram o ensino fundamental ou que são analfabetos. A agressão física é o delito mais frequente entre os adolescentes que ingressaram no ensino médio.

Os efeitos da violência representam, sem dúvida, a parcela mais onerosa de tais dificuldades. O professor atravessa momentos difíceis em sua profissão, muitas vezes não sabe lidar com os problemas de violência em sala de aula.

O medo de represálias por parte dos alunos deixa-o fragilizado; não encontrando respaldo do grupo de trabalho, deixa de colocar em prática alguns conceitos de reflexão e orientação.

Segundo Sanches e Gasparin (2008), podemos caracterizar a violência escolar como todo ato que impede, em sentido amplo, o pleno desenvolvimento dos atores sociais aí presentes. Trata-se da negação de direitos básicos, um ataque à cidadania. Há violência em toda ação consciente ou voluntária de um indivíduo, grupo ou classe, com o propósito de impedir a outro indivíduo, grupo ou classe, o pleno exercício de um direito.

Ao perdermos políticas públicas relacionadas à educação ganhamos em violência nas ruas, favelas, praças, todas as classes sociais e etnias.

Outra problemática encontrada por parte de uma grande maioria de professores, principalmente, os relacionados à Biologia é a falta de estrutura adequada para a realização de atividades práticas, dificultando para os professores trabalhar aulas práticas em uma estrutura adequada.

O espaço escolar é fundamental para a formação do ser humano devendo ser elemento de atenção na relação dinâmica entre usuário e o ambiente, precisa estar em constante movimento de reestruturação.

Segundo o estudo divulgado pela Fundação Lemann em parceria com o Instituto Paulo Montenegro e o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) 2015, a falta de suporte para lidar com alunos que precisam de atenção especial, a indisciplina e a defasagem de aprendizado dos estudantes são os principais problemas presentes nas salas de aula das escolas públicas do Brasil. O levantamento aponta que 64% dos docentes sentem falta de apoio para dar algum tipo de atenção especial aos estudantes. A indisciplina dos alunos foi à terceira causa de maior insatisfação dos educadores, com 14% das reclamações. A desvalorização da carreira de professor também foi apontada pelo levantamento. Apenas 20% dos profissionais estão satisfeitos com o salário recebido e só 17% se sentem reconhecidos pela sociedade em geral

Sendo relevante, para esta experiência o entendimento das causas que levam a tal desvalorização da profissão docente notada a princípio, pelo desrespeito por parte dos estudantes e que resulta em um desinteresse que fere a dignidade de quem ensina, conforme Valle (2006, p.4) afirma:

[...] a carreira docente se torna pouco atrativa, pois, apesar de exigir um enorme investimento pessoal e familiar (diplomas e aprovação em concursos), oferece um futuro profissional bastante incerto, baixos salários, limitadas possibilidades de ascensão pessoal, condições precárias de trabalho, além de requerer uma grande versatilidade; o que se acredita contribuir de forma direta ou indireta para a evasão dos cursos de licenciatura.

Os problemas disciplinares da escola e os conflitos do dia-a-dia já ultrapassaram, largamente, os corriqueiros atritos verbais e “briguinhas” de crianças. O incremento nas ações violentas que ocorrem no interior da escola, como as agressões físicas e verbais contra alunos e professores, afirma Sanches e Luiz (2003).

As problemáticas são variadas desde violência física à emocional, o professor na educação básica brasileira carrega um fardo absurdo, e solitariamente tenta mostrar o caminho a muitos brasileiros, que frequentemente encontram o crime como amigo.

Levisky (1997) e Marques (1997) sugerem que a desestruturação e o enfraquecimento da família servem para aumentar o risco de abuso ou negligência, resultando em situações de violência doméstica, muitas vezes consequência involuntária do uso excessivo de força física por parte dos adultos. Apesar de essas atitudes serem consideradas por alguns pais educativas, o castigo isolado é, na maioria das vezes, ineficaz como meio de modificar o comportamento da criança podendo aumentar a agressividade no lugar de solucioná-la ou abrandá-la, configurando-se, nesses atos, a violência física.

Segundo Sposito (1998), a violência escolar expressa aspectos epidêmicos de processos de natureza mais ampla, ainda insuficientemente conhecidos, que requerem investigação. A escola, como instituição que faz parte da sociedade, sofre os reflexos dos fatores de violência externos que têm gerado conflitos manifestados dentro da sala de aula, comprometendo o aprendizado e as relações interpessoais.

Segundo Dejours (1991, p. 51), o salário possui inúmeras significações, entre as quais, a concretização de “projetos de realização”

Outra problemática da profissão docente é o baixo salário, que impede os profissionais de optarem por trabalhar em somente uma escola e tenha estabilidade no local onde ministra as aulas.

Baixos salários impedem o desenvolvimento do profissional da educação e o obriga a ter uma dupla jornada ou outro emprego, dificulta o acesso às novas tecnologias de educação e para a educação, desqualifica a profissão precarizando o profissional, impedindo assim, a estagnação na carreira. É uma forma cruel e desumana, mas é o principal tipo de desvalorização usada historicamente no Brasil. Além de ser muitas vezes usado como mecanismo de punição e controle para impedir manifestações organizadas de reivindicações por melhorias de condições. Torna-se uma forma indireta de negar o direito a cidadania e de manifestação democrática e no percurso dessa desvalorização a educação sente as consequências na baixa qualidade, devido à impossibilidade econômica de qualificação dos professores. Por exemplo, na formação continuada ou no fomento de pesquisas mais avançadas para a prática da docência.

Os baixos salários estão associados ao desprestígio da profissão docente. De acordo com Gatti e Barreto, (2009, p. 240) “o salário inicial de professores no geral tem sido baixo quando comparado a outras profissões que exigem formação superior” e, por isso, a docência não se constitui como objeto de interesse das novas gerações.

Além disso: o ensino médio sofre com a falta de políticas públicas ou a falta de sua aplicabilidade, por exemplo, uma das estratégias do plano nacional de educação (2014-2024) (PNE) diz: “estruturar e fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso e da permanência dos e das jovens beneficiários (as) de programas de transferência de renda, no ensino médio, quanto à frequência, ao aproveitamento escolar e à interação com o coletivo, bem como das situações de discriminação, preconceitos e violências, práticas irregulares de exploração do trabalho, consumo de drogas, gravidez precoce, em colaboração com as famílias e com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à adolescência e juventude”. É apenas uma estratégia, porém é muito difícil programa-las, bem como mudar a realidade social.

Dentre os fatores apontados pelos professores, que contribuem para continuarem na profissão, estão: o apoio e o relacionamento com os alunos, colegas de trabalho e coordenação; o reconhecimento por parte dos alunos; a oportunidade de fazer diferença na vida destes; a esperança de que um dia a profissão seja mais valorizada e

reconhecida; e a possibilidade de inovação e liberdade para se criar em sala de aula, diferentemente de outras profissões.

Alguns professores ainda citam que a docência é uma vocação, que os sujeitos já nascem com a inclinação para serem professores, por isso se mantêm na profissão. Entende-se que essa concepção enviesada de docência como vocação, de ter aptidão para realização de um trabalho sagrado, desconsidera a especificidade da ação docente e seu reconhecimento como profissão, descaracterizando a categoria de professores, pois os docentes, ao incorporarem essa concepção, acreditam que a docência como profissão é voltada para as interações humanas e se contentam em receber o salário que lhes for oferecido, não se envolvendo em lutas por reivindicações de melhores condições de trabalho.

Nesse ponto de vista Freire afirma sobre autoridade e a competência em ensinar do professor: O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade. Nesse ponto de vista o autor faz uma crítica sobre a autoridade do professor em relação às condições que possui competências e autoridade naquele que leciona e dialoga. E conforme ainda Freire (2001) Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática.

Paulo Freire também aborda a questão da experiência escolar na aprendizagem escolar. Segundo Freire (2001) E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes da experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade.

Outro ponto principal é a utilização de laboratórios e o comportamento dos alunos em aulas de laboratório.

Quando são realizadas as atividades experimentais, existem fatores que não podem ser esquecidos, dentre os quais, apresenta-se: a inadequação do ambiente, o grande número de alunos em sala, a inexperiência, a agitação típica dos adolescentes e em alguns casos a ausência do laboratório. (MACHADO; MÓL, 2008).

3 Metodologia

O presente trabalho foi realizado em duas escolas de ensino médio na cidade de São José da Laje no estado de Alagoas: Escola Estadual Carlos Lyra (centro da cidade) e Escola Estadual Padre Teófanos Augusto de Araújo Barros (periferia da cidade), sendo essa última de tempo integral.

A pesquisa foi realizada com quatro professoras de Biologia, sendo duas de cada escola apresentada, e durante o mês de agosto de 2019. Na escola do centro da cidade, as duas professoras eram monitoras contratadas pelo estado, na escola da periferia, uma era monitora e a outra era efetiva do estado. Sendo assim caracterizadas:

- **Professora C1:** primeira professora da Escola Estadual Carlos Lyra.
- **Professora C2:** segunda professora da Escola Estadual Carlos Lyra.
- **Professora T1:** primeira professora da Escola Estadual Padre Teófanos Augusto de Araújo Barros.
- **Professora T2:** segunda professora da Escola Estadual Padre Teófanos Augusto de Araújo Barros.

As professoras foram selecionadas porque eram as professoras das escolas públicas estaduais que lecionam biologia na cidade de São José da Laje.

Esta é uma pesquisa qualitativa com a análise das respostas obtidas por meio de questionários. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário contendo dez perguntas abertas, com o intuito de aferir possíveis problemáticas com relação ao ensino de biologia.

O questionário (Quadro 1) foi entregue as professoras para que respondessem na escola ou em casa, ficando acertado um prazo para a entrega dele. Esse prazo varia de professora para professora de uma a duas semanas, e qualquer dúvida que surgia no questionário era rapidamente sanada utilizando redes sociais, principalmente, pelo WhatsApp e também nas respectivas escolas.

Quadro 1 – Questionário aplicado para as professoras

Perguntas:
1- Comente sobre a estrutura da escola (laboratórios, maquina de Xerox, estrutura física) para a utilização de aulas teóricas e/ou praticas?
2- Utiliza quais modelos pedagógicos?
3- Sofreu ou presenciou algum ato de violência (física ou psicológica) contra algum professor da escola?
4- A evasão e a repetência são altas na sua escola? Aponte motivos
5- Existe continuidade no trabalho (com poucas possibilidades de exoneração)
6- Existe alguma dificuldade especificas com relação a alunos da zona rural?
7- Acha a remuneração justa? Justifique os motivos.
8- Quais as dificuldades em ministrar as aulas na sua escola?
9- O rendimento dos alunos é condizente com a turma que ele estar?
10- O ensino de Biologia é contextualizado para a realidade dos alunos de São José da Laje?

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Estruturas das escolas

De acordo com as professoras, as escolas que foram citadas no trabalho não demonstraram grandes precariedades relacionadas à questão da estrutura para ministrar aula de Biologia, sejam elas em laboratórios, ou em sala de aula. A única observação realizada pelas professoras da escola estadual Carlos Lyra foi que a escola passava por uma reforma (Quadro 2).

Quadro 2: respostas das professoras da escola Carlos Lyra sobre a pergunta 1.

Professora C1	a escola está passando por uma reforma para melhoria da estrutura, e reposição de alguns materiais (ar-condicionado, pintura...)
Professora C2	a escola está passando por reformas, sua estrutura física e boa, não tem laboratório para realizar as aulas práticas e as máquinas de Xerox e de uso da secretaria.

As condições de estruturas não estão tão precárias uma vez que nessa escola acontecia uma reforma no laboratório, ou seja, um transtorno temporário e não recorrente.

E também foi observado na Escola Estadual Padre Teófanos uma escola bem estruturada para a realização de aulas práticas de laboratório, como afirma a: contradizendo Soares (2013. há um percentual alto de escolas que não possuem requisitos básicos de infraestrutura, como sala de diretoria, sala de professor e biblioteca. Assim, fica transparente a necessidade de políticas públicas que visem a diminuir as discrepâncias e promover condições escolares mínimas para que a aprendizagem possa ocorrer em um ambiente escolar mais favorável.

Quadro 3: respostas da professora da escola Padre Teófanos sobre a questão 1

Professora T1	a escola possui ótima estrutura física, há laboratório de ciências não estão equipados, mas é possível ministrar as aulas praticas. É possível impressão de materiais, porém com certa restrição quanto a quantidade;
----------------------	---

Professora T 2	estrutura completa, laboratórios aptos, máquina de Xerox apta, insumos a disposição do professor
-----------------------	--

4.2 Remunerações dos professores

O salário dos professores na rede estadual nunca foi um dos melhores e na pesquisa realizada com os professores das duas escolas em São José da Laje foi enfatizada a desvalorização salarial e de permanência na escola nos próximos anos, uma vez que dentre as quatro professoras pesquisadas três são monitoras.

O salário base da educação alagoana gira em torno de 2.000 reais equivalente a 30 horas semanais, valor muito baixo se levarmos em conta a responsabilidade da carreira docente principalmente na educação básica, como relata as professoras ao ser questionadas sobre se acha a remuneração justa (Quadro 4).

Quadro 4: respostas das professoras das duas escolas sobre a questão 7.

professora C1	não, diante da responsabilidade imposta
professora C2	não, os professores são desvalorizados
Professora T1	não, recebemos apenas o salário sem ajuda de custo e transporte, por exemplo, sem plano de saúde, para tantas exigências que o professor recebe
Professora T 2	não, porque o PCC não acompanha o percentual de aumento salarial

E segundo Santos (2016), baixos salários impedem o desenvolvimento do profissional e o obriga a duplas jornadas ou empregos, dificulta o acesso às novas tecnologias de educação e para a educação, desqualifica a profissão precarizando o profissional, impingindo assim, a estagnação na carreira. É uma forma cruel e desumana, mas é o principal tipo de desvalorização usado historicamente no Brasil. Além de ser muitas vezes usado como mecanismo de punição e controle para impedir manifestações organizadas de reivindicações por melhorias de condições.

4.3 Dificuldades em ministrar aulas

A pesquisa realizada deixou alguns pontos divergentes para tratar da principal causa em ministrar as aulas nessas escolas, foram apontadas dificuldades diversas, tais como: acesso à internet e data show; falta de materiais, porém, o que chamou mais a atenção foi relacionada a resposta da **professora T2** que relatou “*a dificuldade hoje é o compromisso/ parceria da família por sermos escola de tempo integral*”. O relato da **professora T2** deixa óbvio umas das lacunas da educação no nosso estado a falta de compromisso da família na participação da educação dos jovens.

Quadro 5: respostas das professoras das duas escolas sobre a questão 8.

Professora C1	As dificuldades a falta de materiais e principalmente um laboratório de Biologia
Professora C2	nenhuma
Professora T1	Acesso internet e data show
Professora T 2	a dificuldade hoje é o compromisso/ parceria da família por sermos escola de tempo integral

Quando a escola não disponibiliza de um laboratório, ocorre à adaptação de salas de aula em laboratórios, muitas vezes essa adaptação não atende todos os requisitos de segurança, como por exemplo: a instalação de equipamentos de proteção coletiva, locais para armazenamento de produtos químicos e ventilação dos ambientes (DEL PINO; KRÜGER, 1997).

4.4 Rendimentos dos alunos

O rendimento dos alunos também foi um item de observação questionado pelas professoras, talvez a principal problemática encontrada nessa pesquisa três professoras citaram que muitos alunos têm rendimento que não condiz com alunos de ensino médio isso dificulta muita o trabalho das professoras, pois uma educação boa e de qualidade em anos anteriores e essencial para a continuidade e qualidade da educação básica de nível médio.

As professoras relataram várias observações que revelam que os alunos não estão na série adequada ao seu rendimento, tais como: os alunos possuem defasagem na aprendizagem, nos conteúdos da área de ciências; alguns alunos apresentam baixo rendimento; e a proficiência se encontra em nível elementar.

Conforme (Júlio Groppa Aquino) 1998 e bastante comum pensarmos as práticas sociais, e dentre elas a escola, como donatárias inequívocas do contexto histórico, isto é, da conjuntura política, econômica e cultural.

É bem verdade também que nos acostumamos a deduzir que o que se desenrola no interior de tais instituições é uma espécie de efeito-cascata daquilo que se gesta em seu exterior. Mas seria plausível atribuir uma gênese única aos meandros de diferentes práticas institucionais, com seus objetos, atores e práticas singulares?

Quadro 6: respostas das professoras das duas escolas sobre a questão 9 (o rendimento dos alunos é condizente com a turma que ele estar?)

Professora C1	Não, infelizmente os alunos estão chegando ao ensino médio com defasagem na aprendizagem nos conteúdos da área.
Professora C2	Sim.
Professora T1	Alguns alunos apresentam baixo rendimento, possivelmente não deveriam estar na série que estão.
Professora T 2	Não, porque a proficiência se encontra no nível elementar

4.5 Violência escolar.

Este item foi o dos mais surpreendentes, pois em todas as professoras pesquisadas não foram registrados casos de violência escolar.

Aquino (1998, pg.11) afirma que a violência escolar demanda algumas decisões teórico-metodológicas tais como:

“abandonar o projeto de uma leitura totalizadora (quer de ordem sociologizante, quer de ordem psicologizante) dos fenômenos em foco, matizando-os de acordo com sua configuração institucional. Por exemplo, não se pode conceber a questão da violência no contexto escolar como se estivéssemos analisando a violência, nas prisões, nas ruas, e como se todas elas fossem sintomas periféricos de um mesmo “centro” irradiador; • regionalizar o epicentro do fenômeno, situando-o no intervalo das relações

institucionais que o constituem. No caso da escola, a tarefa passa a ser rastrear, no próprio cenário escolar, as cenas constitutivas assim como as nuances dos efeitos de violência que lá são testemunhados; • descrever e analisar as marcas do fenômeno tomando como dispositivo básico as relações institucionais que o retroalimentam. No caso escolar, situar o foco de análise nas relações dominantes no contexto escolar, em particular na relação professor-aluno”.

Uma das coisas mais recorrentes nas escolas de todo o Brasil e principalmente no estado de Alagoas e a violência escolar, seja ela contra funcionários, e entre os próprios estudantes; é recorrente observar em redes sociais, noticiários e conversas entre os profissionais da educação, porém a pesquisa realizada nas escolas em São José da Laje não demonstrou nenhuma problemática relacionada a questão da violência escolar essa informação é obtida com base nas respostas das professoras ao ser questionadas sobre violência escolar, todas as professoras afirmaram que não sofreram e não presenciaram violência em ambiente escolar.

Obs.: nos resultados foram observados e discutidos parte da pesquisa, pois essas apresentaram pontos mais cruciais para ser discutidos no presente trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram observadas algumas dificuldades com relação ao ensino de Biologia em São José da Laje; tais como: a remuneração, foi identificada nos questionários que os professores não acha justa a remuneração paga pela rede estadual de ensino, que é de 2.195,00 para uma jornada de 30 horas sem benefícios, também a menção da única professora que não reside na cidade sob outra forma de discriminar aos professores que é a não contribuição de difícil acesso aos professores.

Outro ponto identificado foi a questão de ministrar aula nas escolas, as professoras também em sua maioria apontaram algumas dificuldades que varia desde a ausência da família no ambiente escolar, a falta de materiais, os laboratórios, o acesso a internet. Também foi observada dificuldade relacionada à defasagem escolar, as professoras citam que os alunos não estão preparados para estar na série onde estão, e apresentam baixo rendimento.

As propostas para minimizar essas dificuldades no ambiente escolar seria uma tarefa de vários setores da sociedade, a primeira poderia começar pela a forma que é repassar o dinheiro público para as escolas, nesse mesmo sentido deveria rever a forma de avaliação da prova Brasil, para que o rendimento escola dos alunos valesse mais pontos sobre o número de reprovação e desistência. Também salientou a aproximação da família no ambiente escolar fazendo com a família participasse mais democraticamente das decisões da escola. Também deveríamos cobra mais uma remuneração melhor para a função de professor.

O trabalho teve como finalidade minimizar as dificuldades de professores de Biologia em ministra aulas, pois não temos muitos trabalhos voltados ao interior alagoano e futuramente possamos maximizar os trabalhos sobre dificuldades de professores no interior levando a maior amplitude sobre as desvalorizações desses professores, sendo assim teríamos mais dados e conseqüentemente o alvo para resolver as dificuldades em relação ao ensino seria mais fácil.

REFERÊNCIAS:

A. Santos Westerley. UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE NO BRASIL, A PARTIR DOS CINCO TIPOS DE DESVALORIZAÇÃO DO PROFESSOR, 2015.

DEL PINO, José Cláudio; KRÜGER, Verno. Segurança no Laboratório. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Química, 1997.

EU ESTUDANTE, Estudo aponta quais são as principais reclamações dos professores, Disponível em, https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/professor/2015/03/30/professor_interna,477560/estudo-aponta-quais-sao-as-principais-reclamacoes-entre-professores.shtml

FAUSTINO, Elizabete Maria Braga - SILVA, Ana Carolina de Oliveira-RODRIGUES, Evanize Custódio – Formação de Professores e Profissionalização Docente Agência Financiadora: PIBID/CAPES/UEPB, 09/2013.

FREIRE, PAULO (2001) CARTA DE PAULO FREIRE AOS PROFESSORES

G1, metade dos alunos estudam menos de 80% em 2015, Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/metade-dos-alunos-estudaram-menos-de-80-do-conteudo-esperado-em-2015.ghtml>

GATTI, B.; BARRETO, E. S. S. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília, DF: UNESCO, 2009.

GUIMARÃES, A.M. A dinâmica da violência escolar: Conflito e ambigüidade. Campinas: Autores Associados, 1996a.

JOSÉ SOARES, JOAQUIM. 2013. UMA ESCALA PARA MEDIR A INFRAESTRUTURA ESCOLAR

LEVISKY, D. L. **Adolescência e violência**: aspectos do processo de identificação do adolescente na sociedade contemporânea e suas relações com a violência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MACHADO, Patricia Fernandes Lootens; MÓL, Gerson de Souza. Experimentando Química com Segurança. QUÍMICA NOVA NA ESCOLA N° 27, fev. 2008

PIVA, M.; SAYAD A. Alta tensão. **Educação**, São Paulo, v. 26, n. 227, p. 34-45, 2000

Sanches, Claudivan Lopes, *Luiz , João Gasparin*, Violência e conflitos na escola:

DEJOURS, C. A loucura do trabalho. São Paulo: Cortez/Oboré, 1991.

SPOSITO, M. P. A Instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 104, p. 58-75, 1998. Desafios à prática docente, (2003).

VALLE, Ione Ribeiro. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? In. Revista Bras. Est. Pedagógicos, Brasília, v. 87, n. 216, p. 178-187, maio/ago. 2006.